

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

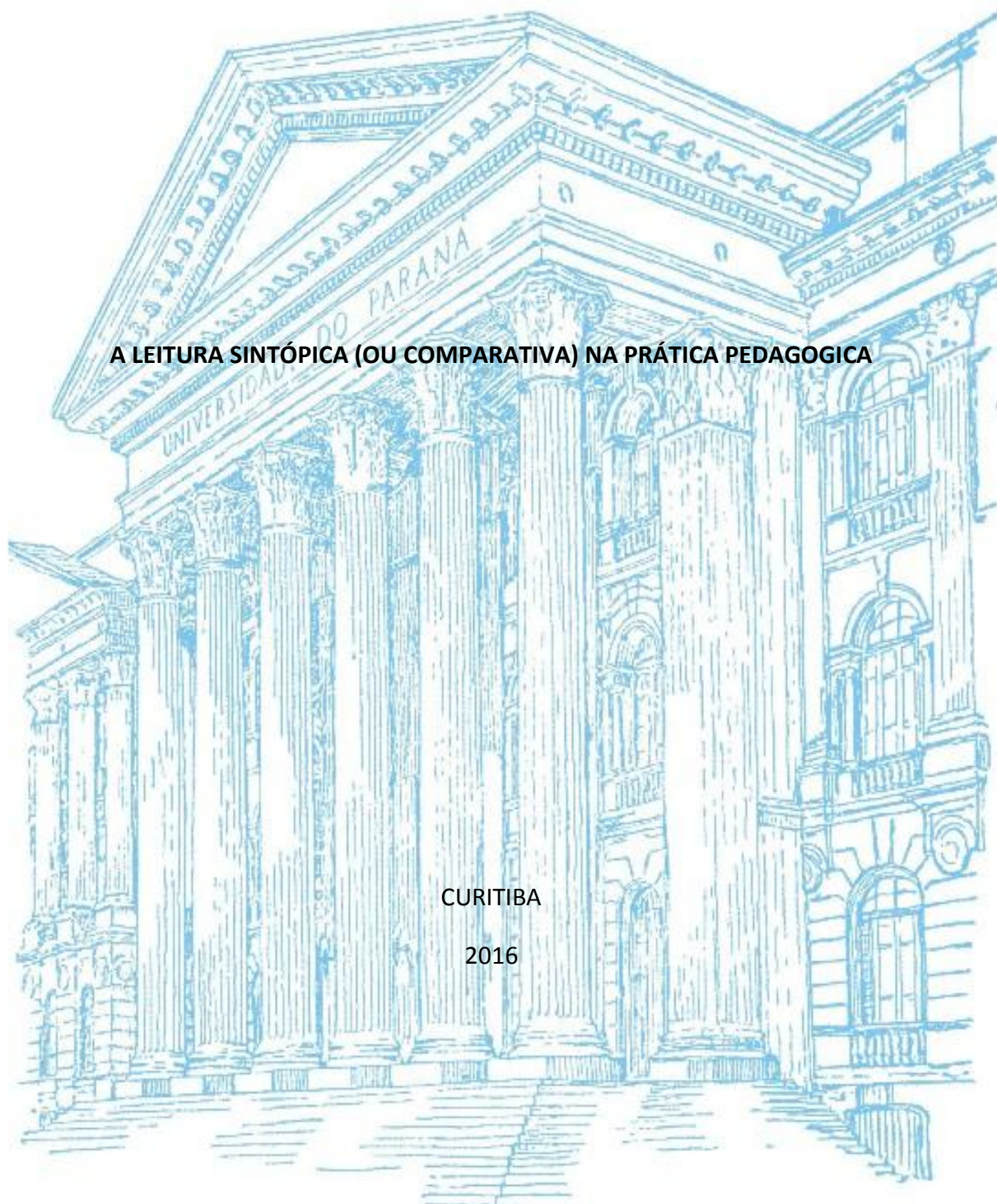
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LEANDRO MACHADO CAMPOS

**A LEITURA SINTÓPICA (OU COMPARATIVA) NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

CURITIBA

2016





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LEANDRO MACHADO CAMPOS

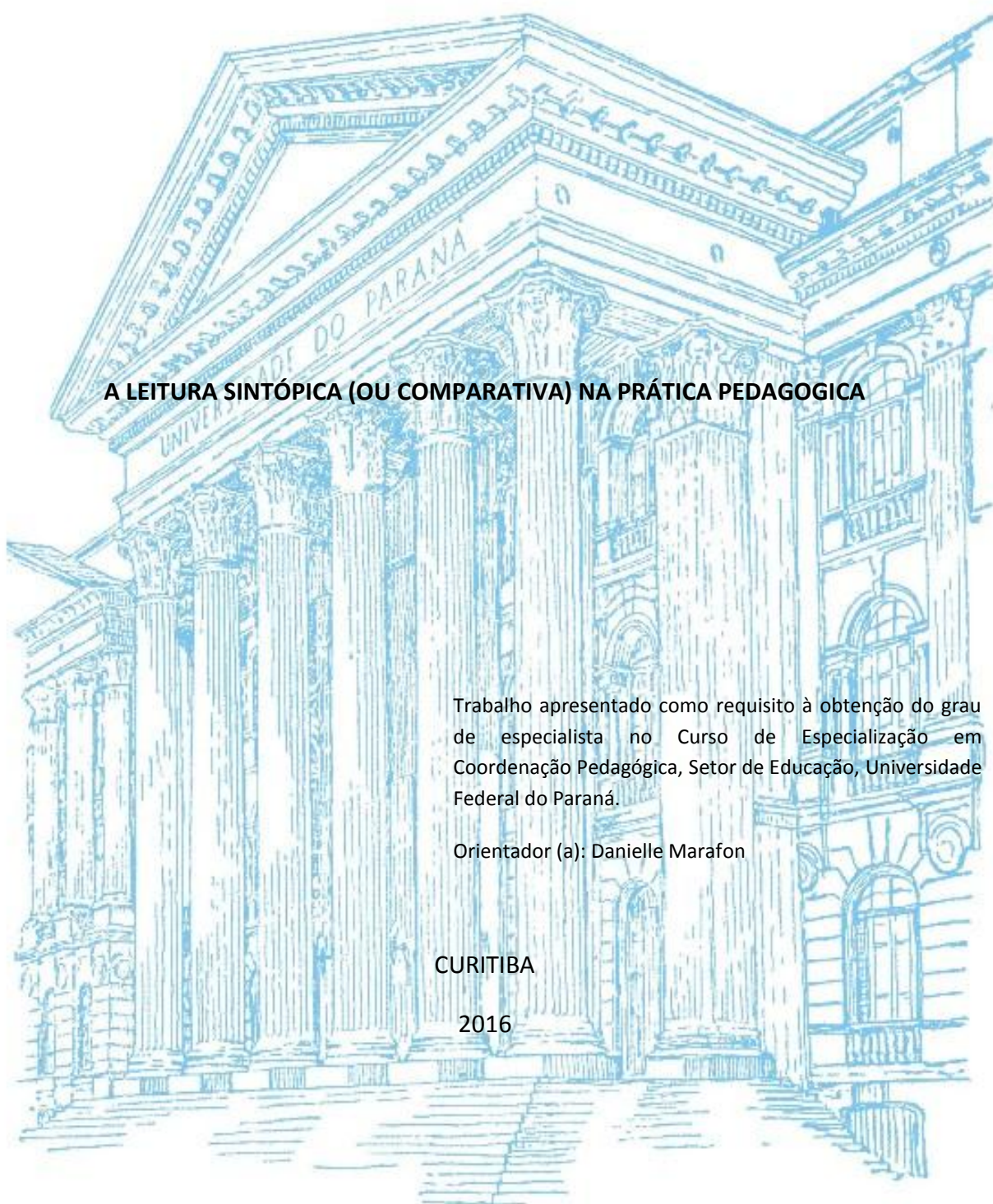
**A LEITURA SINTÓPICA (OU COMPARATIVA) NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Danielle Marafon

CURITIBA

2016



# **A LEITURA SINTÓPICA (OU COMPARATIVA) NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

LEANDRO MACHADO CAMPOS\*

## **RESUMO**

A leitura é uma ferramenta fundamental de perpetuação da transmissão dos conhecimentos e reflexões feitos por outros homens ao longo dos séculos, e deve ser uma ferramenta constante utilizada pelos professores, como forma de atualizarem ou reverem suas práticas pedagógicas. Há vários tipos de leitura, conforme as apresentadas neste trabalho: elementar, averiguativa, analítica, sintópica (ou comparativa), sendo esta última considerada o nível mais avançado de amadurecimento com relação a leitura. Sendo assim, este trabalho buscou mostrar a relevância da leitura sintópica na vida dos educadores, sendo o trabalho dividido em vários momentos. O primeiro busca identificar os níveis de leitura existentes, logo após, elenca-se a importância da leitura comparativa para a criação de tendências pedagógicas, como a criação da tendência histórico-crítica, feita pelo autor Saviani. Em seguida, buscou-se a leitura sintópica nas discussões com relação aos melhores métodos de alfabetização. Na sequência, as comparações e correlações que podem ser feitas através da leitura de clássicos da literatura mundial como fator de reconhecimento da natureza humana. Ao final realizou-se uma pesquisa, averiguando-se que em meio aos professores do município de Paranavaí existem aqueles que realizam leitura sintópica, porém eles são minorias, o que nos leva a concluir que se esse tipo de leitura fosse realizada com maior frequência e adesão, com certeza, obteríamos outros resultados. A intenção do trabalho não foi elencar culpados pela ausência da leitura sintópica, nem rotular os professores, mas verificar que há uma deficiência na leitura, que pode ser oriunda até mesmo da formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Níveis de leitura. Leitura Sintópica. Prática pedagógica.

## **1 INTRODUÇÃO**

Na atualidade, sabe-se que, ao final de uma formação, seja ela escolar ou acadêmica, a sociedade espera que o aluno formado seja uma pessoa crítica, ou

---

\*Artigo produzido pelo aluno Leandro Machado Campos do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Danielle Marafon.

seja, capaz ser formulador de uma opinião própria e autêntica, ou, ao menos, capaz de conseguir distinguir, de forma racional, levando em consideração todas as variantes, decidir de que lado ficará; por exemplo, estará posicionado mediante em uma discussão a respeito de um tema, seja ele político, social, econômico, intelectual, filosófico.

A fase alfa da leitura, conforme buscará mostrar este trabalho, é a leitura sintópica ou comparativa, que é a capacidade não apenas de ler decodificando os grafemas e fonemas, mas entender a obra e ser capaz de realizar outras leituras que divirjam do conteúdo apresentado na primeira leitura realizada, ou seja, contrária à sua ideologia. Este pode ser considerado um leitor maduro, e que tem capacidade de ver os “dois lados da moeda” a respeito de um assunto, mesmo que eles sejam extremamente divergentes em suas conclusões, podendo depois formular a sua própria teoria ou posicionamento.

Segundo Adler e Doren (2000, p. 313), “saber que existe mais de um livro relevante para a abordagem de uma questão específica é a primeira obrigação de qualquer projeto de leitura sintópica”.

Neste sentido, o questionamento norteador deste trabalho foi: será que os professores saem da universidade com este nível de leitura desenvolvido e utilizam na sua prática de estudo?

## **2 METODOLOGIA**

Este trabalho buscou fazer uma consulta bibliografia de identificação dos níveis de leitura, e focou no nível mais elevado dela, ou seja, a leitura sintópica conflitante, bem como suas relações com o desenvolvimento da formação continuada.

Foi ainda aplicado um questionário semiestruturado, visando pesquisar, com parte do corpo docente de três escolas do município de Paranavaí, para entender

como conduzem a vida de estudo, e se buscam nas leituras várias referências sobre o mesmo assunto.

Ao final, fez-se ainda a análise e interpretação dos dados para chegar-se às conclusões da prática de estudo (ou que corresponde à formação continuada).

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 Os Níveis de leitura**

A leitura é o meio mais eficiente de adquirir conhecimento, pois possibilita ao estudante entrar em contato com as inquietações, pensamentos e saberes de estudiosos que dispenderam um esforço intelectual para analisar determinado objeto, sendo que esse objeto pode estar mais ligado à vida prática, ou tanto mais ligado ao mundo das ideias, ou das abstrações. Para Hugo de São Vitor (2011), a leitura é o começo da aprendizagem e do saber, o manancial.

Considerando a leitura como principal competência para se adquirir o conhecimento acumulado pela humanidade, Adler e Doren (1954) pontuaram a existência de quatro níveis de leitura: elementar, averiguativa, analítica e sintópica (ou comparativa).

A leitura elementar corresponde basicamente à decodificação ou iniciação ao processo de aquisição da leitura; é quando um indivíduo está aprendendo a unir o som e a escrita, tentando decodificar as palavras e as frases. Esse processo se desencadeia quando o aluno já conhece a emissão sonora (a fonologia) de determinados fonemas, ou conhece as letras e passa a corresponder esta relação do fonema ao grafema. Os alunos que estão sendo alfabetizados nas escolas encontram-se nessa fase.

A leitura averiguativa é a leitura de reconhecimento genérico de uma obra. O leitor lê o texto, ou a obra, sabe do que se trata o tema central ou a mensagem principal, mas fica na superficialidade, não pontua os argumentos, os objetivos e as conclusões do autor. Muitas vezes, o leitor consegue até contar o que leu, no entanto, o texto foi lido como uma leitura de identificação, o que não exige do mesmo uma análise rigorosa. Em outras circunstâncias, utilizamo-nos deste tipo de leitura para constatar se o texto corresponde ao que precisamos estudar, ou se o assunto da obra nos interessa.

A leitura analítica é a leitura de profundidade, porque a obra precisa ser compreendida. Neste sentido, ser compreendida significa fazer uma prospecção no assunto, ou seja, no pensamento do autor, compreendendo objetivamente a obra, mas também a sua intenção. Neste nível de leitura, o estudante precisa ser capaz de identificar a exposição do conteúdo, a tese, os argumentos, a conclusão e o que autor foi capaz de analisar na obra ou o que ele deixou aberto para estudos futuros. Aqui o leitor já é capaz de compreender e relacionar o texto e de formar uma opinião, enriquecendo a sua compreensão sobre determinado assunto.

A leitura Sintópica, ou comparativa, segundo Adler e Doren (2010), é a leitura de várias obras sobre determinado assunto, correlacionando o assunto ou o conjunto da obra. Esse é o nível mais elevado de leitura, porque coloca o leitor em contato com as abordagens de pontos de vistas diferentes, o que exige entender a obra e a relação da mesma com outras, ou seja, saber quais ideias, inquietações e argumentos estão numa obra e que são finalizados ou refutados por outra.

Após analisar a obra citada acima, fiz pessoalmente um esforço para compreender e explicar a leitura sintópica, mas, por conta da escassez do tema, após minhas reflexões, desenvolvi uma distinção dentro da leitura sintópica elencada por Adler e Doren, pois quando se estuda vários textos ou obras sobre determinado assunto, podemos subdividir a leitura sintópica em **leituras complementares e/ou leituras conflitantes**.

As **leituras complementares** são leituras que completam a nossa compreensão sobre determinado assunto, principalmente porque caminham no

mesmo viés, e isto pode ser favorecido pela forma de expor do autor, pela sistematização de seu pensamento, ou até mesmo porque ele dá continuidade às ideias de outros autores, ou seja, não se coloca em posição antagônica com relação aos pensamentos pesquisados. A leitura complementar possibilita uma abordagem maior do assunto, porque facilita o domínio de uma gama de argumentos e exposições, e isto faz com que não deixe esvaziar a compreensão e a discussão de um tema.

Nas **leituras conflitantes**, ao contrário das leituras complementares, busca-se entender posições antagônicas sobre um mesmo assunto, consiste no confronto de ideias. Esse tipo de leitura facilita o acesso ao conhecimento de correntes contrárias e favoráveis a um assunto, o que facilita, ou ainda, fortalece, um posicionamento autêntico, ou seja, a definição de uma conclusão, ou a aproximação mais clara possível da verdade do objeto. Segundo Mário Ferreira (1963), no antagonismo encontramos uma clareza, porque a realidade é constituída de polos contrários, sendo que só conhecemos um pela existência do outro, como o dia e a noite, a vida e a morte, o homem e a mulher, etc. O que se estende também ao arranjo social: o rico e o pobre, a esquerda e a direita, o certo e o errado.

A leitura conflitante ainda pode ser utilizada de duas formas: **como metodologia de estudo**, ou como **categoria de análise**. Como metodologia de estudo, ela se dá através das leituras comparativas, mas de opiniões contrárias, ou como uma forma de interpretar um dado natural ou científico de qualquer área do conhecimento, e isto engloba todas as ciências, em outras palavras, a leitura sintópica conflitante pode colaborar com qualquer área científica, mas não com intuito de simplesmente saber da existência de categoria de conhecimento contrária, mas como uma forma de aproximar o indivíduo da verdade, ou da realidade do que é o objeto. Segundo Highet (1975, p.170), “alguns dos homens mais importantes da história têm sido professores. Muitos dos maiores progressos das civilizações têm resultado de importantes trabalhos, não de políticos ou inventores, nem mesmo de artistas, mas de mestres”.

A Leitura Sintópica como categoria de análise pode ser usada para compreender o comportamento, o pensamento e as atitudes de pessoas, ou

personagens de obras literárias, quando estamos diante de personagens com atitudes contrárias, inseridos dentro da mesma obra ou não. Segundo Aguiar (*apud* FRYE 2004, p.280), “é possível construir, apreender, depreender um sentido em nosso confronto com o mundo através do “anel do saber” que nossa faculdade para a linguagem nos dá, desde que saibamos aceita-lo e recriá-lo”.

Após verificarmos a importância da Leitura Sintópica e entender a sua função identificaremos a utilização da mesma na construção de obras importantes para a educação.

### 3.2 Leitura Sintópica e a Tendência Pedagógica Histórico-Crítica

A obra mais conhecida e difundida no Brasil do autor Saviani é o livro *Escola e Democracia*; essa obra é um ensaio filosófico de educação que analisa as tendências pedagógicas: tradicional, escolanovista e tecnicista (essa última é de menor importância para o objetivo da nossa análise), no momento do auge da discussão, quando necessitávamos de clareza sobre as tendências na educação do país.

Nesta obra, de forma sintética e objetiva, o professor Saviani expõe o que são essas tendências, com o objetivo de levantar as suas especificidades, analisando se elas são de caráter científico e qual delas colabora de verdade para o processo democrático da educação, considerando que as pessoas da classe trabalhadora precisam ter acesso a uma educação capaz de libertá-los de certo domínio que massifica o pensamento.

Depois de reconstruir historicamente a formação da sociedade, a organização do arranjo social e analisar as tendências pedagógicas de forma filosófica, categorizando como essência e existência, a comparação feita por ele é polarizada na análise dos métodos.



O primeiro método analisado é o de Herbart, conhecido como tradicional, e que é composto dos seguintes passos: preparação (1º passo), que é a recordação da lição anterior, apresentação (2º passo), um novo conhecimento, (3º passo) assimilação, que é a comparação do velho e do novo conhecimento, (4º passo) generalizações, identificação dos fenômenos correspondentes ao conhecimento adquirido, aplicação (5º passo), que é execução de exercícios, lição de casa.

E o segundo método analisado é o de Dewey, conhecido como a Escola Nova ou Escolanovista, se dá nos passos que se sequenciam: o ensino é uma atividade (1º passo), suscitação de problemas (2º passo), levantamento de dados (3º passo), formulação de hipótese (4º passo), experimentação (5º passo), tanto do aluno como do professor.

Declara Saviani (1999, p.57) que “o ensino tradicional se propunha a transmitir os conhecimentos obtidos pela ciência, já compendiados, sistematizados e incorporado ao acervo cultural da humanidade”, por isso centra-se no professor, que como o adulto da relação, precisa dominar o conteúdo; o Escolanovismo centra-se no aluno, nos procedimentos de pesquisa, nos aspectos psicológicos (interesses e motivações para aprendizagem), para responder as suas dúvidas, indagações ou inquietações.

Á partir destas duas posições contrárias, Saviani (1999, p.30) afirma que “o processo de ensino não é um processo de pesquisa. Querer transformá-lo num processo de pesquisa é artificializa-lo.” Por isso, ele caracteriza como pseudocientífico o método Escolanovista, afirmando “que o desconhecido só se define em confronto com o conhecido” (SAVIANI, 1999, p.58). Além disso, a Escola Nova acaba por dissolver a diferença do ensino e da pesquisa.

Ao mesmo tempo, Saviani se opõe ao método tradicional, pois considera que, pela lógica de atuação do professor como sujeito central da aprendizagem, faz-se necessário que ele garanta que o conhecimento ocorra, mesmo sem a vontade da criança, mesmo porque na verdade ela ainda não consegue ter uma noção do que é melhor para si. Desta forma, a aprendizagem não é espontânea e exige muita disciplina, esforço e concentração.

Na referida obra, o autor faz questão de realizar uma leitura comparativa do interesse que a burguesia tem pela escola tradicional e a mudança da mesma quando a Escola Nova se torna a forma de ascensão ou de manutenção do poder. Havendo neste momento um processo de se abrir ao proletariado a participação, como uma forma de recomposição hegemônica. Assim, ele apresenta uma máxima para entender a educação: “a prioridade de conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino” (SAVIANI, 1999, p.66). Desmonta-se assim a ideia de que as pedagogias novas são detentoras de todas as virtudes e qualidades, enquanto as pedagogias tradicionais são portadoras apenas de defeitos e males sociais, sabendo-se que habitam nelas os fatores mecânico, artificial, abstrato, que precisam se tornar reais, dinâmicos e concretos.

O resultado dessa exposição é a conclusão de que a pedagogia revolucionária vai nascer da valorização do conteúdo e da dinâmica do aluno como sujeito da aprendizagem. Assim, Saviani propõe uma pedagogia que nasça da construção de uma nova sociedade que vai além da pedagogia da essência e da existência, que ultrapasse uma pedagogia igualitarista ou das diferenças. Que o caráter dinâmico não negue a essência e que não haja necessidade de negar o movimento para captar a essência, mas incorpore-se às críticas recíprocas e ao mesmo tempo supere-as.

Toda a exposição do livro Escola e Democracia demonstra que tal estudo é constituído através de uma análise comparativa, que se identifica claramente com a leitura sintópica conflitante, pois conhecendo detalhadamente cada uma das tendências pedagógicas, Saviani sugere uma tendência pedagógica que é composta pelos bons elementos presentes nas duas. Esta tendência ficou conhecida como Histórico–Crítica, e o ponto de partida dela é: a prática social (1º passo) é o ponto comum entre o aluno e o professor (com o níveis de diferenciação da compreensão, o conhecimento do aluno e a experiência é uma visão sincrética, enquanto o professor é detentor de uma visão sintético), problematização (2º passo) questões que precisam ser resolvidas, no âmbito da prática social e o conhecimento que é deve ser dominado, instrumentalização (3º passo), apropriação das ferramentas culturais necessárias, catarse (4º passo), incorporação dos instrumentos culturais,

transformados em elementos ativos de ação, prática social final (5º passo) passagem da síncrese à síntese, a compreensão do aluno nos mesmos termos do professor.

Para tornar mais clara a importância dessa visão conjunta do contraditório, Saviani (1999, p.82) afirmou: “educação é uma atividade que supõe uma heterogeneidade real e uma homogeneidade possível; uma desigualdade no ponto de partida e uma igualdade no ponto de chegada,” com a mudança de postura do aluno na vida social.

### 3.3 A Leitura Sintópica e a Alfabetização

Ao se falar sobre alfabetização, elenquei dois trabalhos relevantes que falam sobre o tema e foram construídos através da leitura sintópica conflitante, são eles: Relatório do Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: Novos Caminhos, que considera o assunto em todos os níveis de ensino, inclusive o superior e o National Reading Panel. Há também dois documentos de relevância para o mundo e que são convergentes com esses relatórios, um feito na França e outro no Brasil, são eles: Apprende Lire e o Relatório Aprendizagem Infantil: Uma Abordagem da Neurociência, Economia e Psicologia Cognitiva, que aborda a alfabetização não apenas sob o prisma da educação, mas também da neurociência, economia e a psicologia cognitiva produzido pela Academia de Ciências do Brasil em 2011.

De forma breve, serão analisados o National Reading Panel e o Relatório do Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: Novos Caminhos.

Os americanos, alarmados com as evidências crescentes da incompetência de sua população escolar, o Congresso dos Estados Unidos convocou uma Comissão de Especialistas em Leitura para compor o National Reading Panel, onde examinaram todas as bibliografias científicas publicada a respeito de métodos de alfabetização, com a intenção de descobrir o que causava o fracasso da educação no país (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007).

O National Reading Panel foi elaborado no ano 2000, e revisou toda a bibliografia científica publicada desde 1920, utilizando a técnica estatística de metanálise, em que cada estudo é analisado em termos do grau de força do efeito, da significância dos resultados, do tamanho da amostra, e assim por diante. O resultado foi a publicação do relatório oficial intitulado *Report the National Reading Panel: Teaching children to read*, publicado pelo Instituto Nacional de Saúde da Criança e Desenvolvimento Humano.

O Relatório do Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: Novos caminhos, foi organizado por uma equipe de estudiosos brasileiros, europeus e americanos, e é um relatório semelhante, que levou em consideração os trabalhos que mais influenciavam a alfabetização no Brasil, e também estudos empreendidos em outros países e experimentos científicos de sucesso, concluídos em todo o mundo.

Esse trabalho compara 3 métodos de alfabetização diferentes: silábico, global (ou ideal visual) e o fônico. O método silábico dá ênfase ao nome das letras e a junção das mesmas, passando a ser trabalhado a união de sílabas para a formação da palavra. No método global, o alfabetizador inicia, normalmente, de um pequeno texto ou frase, chamando a atenção através de pistas para a letra que se pretende trabalhar, com a utilização, por exemplo, de músicas ou frases populares que já são de conhecimento da criança, faz parte ainda desse método a discussão crítica sobre um tema de relevância social. Na alfabetização, através do método fônico, parte-se da unidade sonora, o fonema, frisando a princípio os sons, que são produzidos no momento da formação de uma palavra.

Nestes trabalhos, a leitura sintópica foi a forma de comparar variados estudos e experimentos, visando identificar qual o método mais eficaz para a alfabetização, sendo visível desta forma, que este tipo de leitura pode e deve ser empregado como método de estudo para a formação docente e para o desenvolvimento de políticas públicas de educação.

### 3.4 A Leitura Sintópica e os Clássicos da Literatura

Um programa criado pelo Serviço Social da Indústria (SESI), denominado “Expedições pelo Mundo da Cultura”, desenvolvido pelo professor José Monir Nasser, trabalhava a leitura sintópica através da comparação e correlação de obras literárias, mais especificamente obras clássicas da literatura brasileira ou mundial, em que se analisava, num primeiro momento, o comportamento dos personagens e no segundo o conjunto da obra, considerando os aspectos sociais, políticos, históricos e filosóficos.

Resumirei algumas obras literárias, para que possamos entender a atitude dos personagens, e a proposta do trabalho de José Monir Nasser, do qual inclusive tive o prazer de participar, enquanto o estudioso ainda estava vivo, e que pude adaptar e replicar, idealizando e coordenando um estudo semelhante para a formação de jovens pelos clássicos da literatura mundial, projeto que ficou conhecido como “Sociedade Intelectual Jovem” de Paranaíba, que teve a duração de 4 anos (2008-2011), e que atualmente é desenvolvido por um dos jovens que participou do trabalho, denominado atualmente como “Educação Liberal para Jovens”.

A obra italiana “Os Noivos”, de Alessandro Manzoni, apresenta como parte central do enredo o contraste na forma de agir de um casal que pretende se unir em matrimônio, porém passam por algumas situações de graves impedimentos. A noiva Lúcia age esperando e confiando na Providência Divina, e o noivo Lorenzo Tramaglino sempre tenta resolver a situação de modo mais prático, agindo sem refletir e considerando pouco a dimensão espiritual. Eles são figuras que representam ações distintas, mas complementares na natureza humana.

Há uma obra brasileira, na qual podemos analisar de forma semelhante o contraste dos personagens, “O Feijão e o Sonho”, de Orígenes Lessa. Os personagens centrais, também um casal, porém a esposa Rosa é completamente voltada a resolver as questões práticas da vida, do dia a dia, e o seu esposo Campos Lara é um homem “das abstrações”, voltado aos estudos, à poesia, desligado da realidade sensível.

Algumas obras apresentam contrastes antagônicos com relação ao desfecho e às reflexões propostas, podemos citar “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, onde o personagem principal Leonardo Pataca faz tudo errado, inclusive moralmente, no entanto, torna-se sargento, ou seja, é elevado de posto na polícia, sem mérito, em contraposição à obra “Éramos Seis”, de Maria José Dupré, na qual uma mãe, a personagem principal, Lola, cuida dos filhos e do esposo, zelando pela casa, roupa e pela saúde, agindo corretamente durante toda a sua trajetória de vida, mas que na velhice fica sozinha abandonada num albergue. São duas obras de enredo conflitante, de personagens antagônicos, mas que facilitam uma discussão e a compreensão das atitudes como referência para a formação e compreensão da natureza humana.

Outras obras podem ser complementares, como é o caso de “O Alienista”, de Machado de Assis, em que o personagem principal Doutor Simão Bacamarte tenta resolver todas as situações de convivência dos habitantes da cidade de Itaguaí, com métodos científicos, utilizando a medicina, mais especificamente, através da psiquiatria, desconsiderando as relações humanas, familiares, sociais, políticas, religiosas. Enfim, chega inclusive a pesquisar qual o melhor modelo estabelecido cientificamente de mulher para que ele possa se casar e procriar. Durante toda a obra, ele imagina que poderia enquadrar todo o comportamento humano com apenas um fragmento da realidade, ou seja, pela psiquiatria, enquanto ciência. E acaba por criar uma confusão na cidade, prendendo toda a população no hospício, pois não conseguia ver nas ações das pessoas outros aspectos das atitudes humanas, e encaixava todas elas como um estado de loucura.

Em direção paralela, temos a obra “Um Inimigo do Povo” de Henrik Ibsen, na qual o personagem principal médico também, Dr. Stockmann descobre uma contaminação no lago que abastece a água da cidade e ao mesmo tempo é o centro da economia e da vida dos munícipes, pois é um lago turístico. De posse desta informação, ele julga que esta verdade é um elemento preponderante para destruir ou perseguir os culpados, de forma inescrupulosa e impensada, sem analisar também as outras variantes que regem a convivência social e sem tentar resolver o



problema da contaminação de fato, deixando de perceber que suas ações repercutiram sobre a vida de pessoas que não tinham culpa.

O livro “A Metamorfose”, de Franz Kafka, apresenta a história de um jovem chamado Gregor Samsa e o seu relacionamento com os seus familiares. O jovem trabalha como caixeiro viajante, sustenta sua família e é extremamente obediente e correto, enquanto seus familiares apenas esperam por ele, sem trabalhar para se sustentarem. Porém, num determinado dia, Gregor acorda sofrendo uma metamorfose em seu corpo, percebe que o seu abdômen está criando um exoesqueleto e que em suas costas começaram a surgir asas. Para seus familiares e para o seu empregador, ele está se transformando num monstro, muito semelhante a uma barata gigante, os mesmos desenvolvem uma repugnância e consideram que a sua morte seria um alívio, pois suas vidas tinham se tornado uma bagunça após a metamorfose de Gregor; por causa da sua mudança exterior, passaram a desconsiderar tudo de bom que ele havia feito e o que fez de certo enquanto estava “normal”. Em comparação, podemos citar o Evangelho, em que Jesus Cristo, mesmo fazendo tudo certo, sendo o mestre dos mestres, se torna motivo de discórdia e de ódio para os Fariseus, Saduceus e Doutores da Lei, que tinham verdadeira repugnância por Ele, e que solicitaram Sua morte. Tanto os personagens Gregor quanto Jesus Cristo, identificam-se com a figura do bode expiatório, em que a morte do inocente ou do justo é a única forma de reestabelecer a ordem social.

Seguindo o raciocínio exposto, podemos citar o livro Código dos Códigos, que nos introduz na discussão dos arquétipos, sendo que há um diferencial; os arquétipos e as próprias obras da literatura podem ser analisados de forma complementar ou conflitante, o que pressupõe a leitura sintópica, ou seja, comparativa. Também podemos fazer o mesmo com várias outras obras, como as de Homero, Shakespeare, Camus, Irmãos Grimm. Para Nasser (*apud* ADLER; DOREN, 2010), a leitura sintópica pode ser realizada com seis gêneros de leitura: poesia, teatro, prosa, história, ciências e filosofia.

#### **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.**

Participaram da pesquisa as escolas municipais: Edith Ebner Eckert, Cecilia Meireles e Ayrton Senna da Silva. Foram entregues 10 questionários as diretoras de cada escola, a serem aplicados de forma direcionada aos professores.

O questionário era composto de cinco perguntas, todas com seis opções de escolha, em algumas além das múltiplas escolhas havia um espaço para esclarecimento sobre opção respondida. E uma sexta questão, a mais relevante para o projeto, foi uma questão aberta, para que os entrevistados citassem os livros que leram nos últimos seis meses. As perguntas foram: Você lê 1 livro em que período de tempo? Quantos livros você lê em 6 meses? Os seus livros prediletos são de quais tipos? Você lê com qual finalidade? A leitura é importante para quais indivíduos sociais? Cite o nome dos últimos 5 livros que leu.

##### **Escola Municipal Edith Ebner**

Nesta escola houve a devolutiva de nove questionários respondidos. A primeira pergunta: Você lê um livro em que período de tempo? Um lê em uma semana, um em quinze dias, três em um mês e outros quatro em dois meses.

Os resultados em relação a citação dos livros lidos pelos professores nos últimos seis meses, para a análise da leitura comparada foram: um dos entrevistados pelos títulos citados, faz a leitura de livros de ficção: Dexter, Trilogia Cross Bire, Mentos Perigosas, O Menino do Pijama Listrado, Melancia, Trilogia: A Rainha do Castelo de Ar. A segunda também faz leitura sintópica, na área de livros de autoajuda e de educação: Nunca Desista de Seus Sonhos, As 10 Maneiras de Ser Feliz, Cinco Minutos e Pais Brilhantes Professores Fascinantes e Pais Brilhantes Filhos Fascinantes.

A terceira mesclou um livro de educação com livros de ficção: Biografia de Paulo Freire, A Bolsa Amarela, A Moreninha, Bisa Bia e Bisa Bel, O Salto Alto. A quarta entrevistada de certa forma faz a leitura sintópica voltada à formação, pois leu: Uma Didática para a Pedagogia Histórico Crítica, Professor Sim, Educador Não, Transtornos Globais do Desenvolvimento e inclusão, mas também lê ficção: Ninguém é de Ninguém, Nada é por Acaso e Onde Está Tereza.

Uma quinta entrevistada citou apenas dois livros: Blocos Lógicos e Te Amo, mas já para seu Quarto. A sexta entrevistada afirmou que leu: Pequeno Príncipe, Cinquenta Tons de Cinza, Feliz Ano Velho, O Menino de Pijama Listrado, Dorme Menino Dorme, todos livros de ficção. A sétima pessoa entrevistada citou a leitura: Melancia, Valquírias, O Menino de Pijama Listrado. A oitava entrevistada leu A Travessia, Cinquenta Tons de Cinza, Da Ilusão à Verdade. A nona entrevistada não listou os livros que leu.

### **Escola Municipal Cecília Meireles**

Na Escola Municipal Cecilia Meireles houve a devolução de apenas nove questionários respondidos. Três afirmaram ler um livro em quinze dias e/ou um mês, outros três em um mês, um entrevistado demora dois meses e outros dois entrevistados demoram mais de dois meses para realizar a leitura de um livro. Com relação aos livros lidos o primeiro, não se listou nenhum livro. O segundo listou três livros de literatura clássica: Admirável Mundo Novo, A Peste, Crime e Castigo, outro de poesia: Dança dos Pica-paus e o último de formação: A Literatura em Sala de Aula. O terceiro entrevistado citou as ficções: As Músicas de Bremen, O Livro da Confusão, O Alquimista e voltado à formação: Alfabetização: Método Fônico, Pais Brilhantes – Professores Fascinantes, O Mundo de Sofia, podemos considerar que realiza a leitura sintópica.

O quarto entrevistado afirma que leu: Ágape, Limites e Traumas, Quem Ama Educa e Encontros, a maioria de cunho religioso. O quinto leu: Quem roubou de

mim? Ansiedade – Como Enfrentar o Mal do Século, O Diário de Anne Frank, Vida Secreta da Criança com Dislexia e Neuropsicologia do Desenvolvimento, uma mescla de livros religiosos, autoajuda, biografia e educação.

O sexto entrevistado fez a leitura das seguintes obras ligadas a autoajuda: Quem Ama Educa, Divergente, Amar Verbo Intransitivo e Naitá. A sétima entrevistada colocou que não se lembrava das obras que leu e afirmou que demora em torno de seis meses para ler uma única obra. O oitavo e o nono entrevistados não citaram a leitura de nenhuma obra. Porém, ambos relataram que conseguem ler em torno de dois livros a cada seis meses.

### **Escola Municipal Ayrton Senna da Silva – conhecida como CAIC**

Nesta escola, também foram devolvidos nove questionários respondidos, sendo que todos os entrevistados listaram livros e uma entrevistada fez os esclarecimentos extras de todas as perguntas, demonstrando um empenho em ressaltar a importância da leitura para a sua formação. Em referência a primeira pergunta, sobre o período de tempo para a leitura de um livro, os entrevistados responderam o seguinte: um entrevistado lê em quinze dias, cinco deles fazem a leitura em um mês, dois leem em dois meses e um entrevistado afirmou demorar mais de dois meses.

O primeiro entrevistado leu: Tramas e Fios, História da Música, Coletânea de Estudos Bíblicos, Contraponto Medieval, Composição, Harmonia Funcional, consideradas leitura sintópica complementar, voltadas aos estudos de música. A segunda entrevistada fez a leitura das seguintes obras: Alef, Cinco Minutos, Biografia de Luan Santana, Situação Problema, Matemática Fácil. As duas primeiras obras são ficcionais, seguidas de uma biografia e dois livros voltado a formação em matemática, estas duas últimas obras, podem ser consideradas leitura comparativa.

O terceiro entrevistado listou como livros lidos: Histórias de Davi, A Moreninha, Literatura Sobre a Desigualdade Social e livros infantis, uma mostra de

literatura bem variada, um livro religioso, um romance, um relatório e livros ficcionais para crianças. O quarto entrevistado leu: Uma Didática para Pedagogia Histórico Crítica, Disciplina – Limite na Medida Certa, Escola e Democracia, Pedagogia do Oprimido e Bornaut em Atletas Jovens, por estes títulos sabe-se que esse entrevistado demonstra o grande interesse pela literatura de formação educacional, sendo a sua prática caracterizada pela leitura sintópica.

O quinto entrevistado justificou várias respostas, na primeira pergunta, esclareceu que demora 1 (mês) para a leitura de livros técnicos, ou literários, mas que quanto a literatura infanto-juvenil, faz a leitura de 2 a 4 por semana. As obras relatadas são as seguintes obras: Mentos Perigosas, O Poder da Esposa que Ora, A Cabana, A Última Música e Como Ensinar Literatura. Estes títulos, mostram que ele faz a leitura de várias obras de gêneros distintos, o que não corresponde a leitura sintópica.

O sexto entrevistado chamou a atenção, por ter esclarecido a escolha das alternativas marcadas em todas as perguntas. Na primeira questão citou a importância da leitura, e o quanto ela é necessária à formação e também ao lazer. Afirmou que dentro de seis meses lê mais de quatro livros, afirmou ainda que a leitura é prazerosa, e é uma forma de olhar o mundo através do olhar do outro. Na terceira pergunta demonstrou o gosto pela poesia e afirmou que a poesia está em todas as partes e que tudo pode se tornar poesia. Na quarta questão diz que a leitura está relacionada ao trabalho, o que também considera prazeroso. Na quinta pergunta declarou que toda sociedade precisa ser autodidata com relação a leitura, porque a educação não é prioridade e quanto mais alienado for o indivíduo, mais fácil é de ser manipulado. Leu as seguintes obras: Poesias para Crianças, Astronomia, Ou Isto Ou Aquilo, Bicho que te Quero, Felpe Filva, Conto que te Conto, são obras com poesias, leituras bem variadas, mas não é completamente sintópica.

O sétimo entrevistado leu as seguintes obras: Educação Inclusiva, Autismo, Linguagem e Educação, A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Este entrevistado utiliza-se da leitura sintópica para a continuação da sua formação ao ler vários temas correlacionados sobre educação especial.

O oitavo listou as seguintes obras: A Bíblia, Nascidos Gay, Mentes Perigosas, Avaliação Educacional, Manual de Boas Maneiras, sendo que tais obras representam uma variedade de gêneros, sendo possível identificar religiosos, educacionais, autoajuda e ciências.

O nono entrevistado também faz leitura sintópica, e citou cinco obras relacionadas a educação: História da Educação e da Pedagogia, Educação Corporativa e Desenvolvimento de Competências, Educação de Corpo Inteiro, Políticas em Educação e Educação Inclusiva. Contexto Social e Histórico.

## **5 CONCLUSÃO**

Através dos levantamentos bibliográficos, foi evidente a relevância da leitura sintópica para a formação de um leitor crítico capaz de ver as várias facetas de um mesmo objeto, e o quanto este tipo de leitura pode contribuir para a educação como um todo, de forma a entendermos e conseguirmos extrair o que há de melhor em cada obra lida.

Através das respostas obtidas nos questionários, verificou-se que são poucos os professores que realizam a leitura sintópica, a maioria realiza leitura de entretenimento e não de formação, o que de certa forma é positivo, pois ao menos estão lendo e renovando parte de seus conhecimentos. Para fins de aumentar a criticidade, percebe-se uma defasagem que pode ser oriunda desde a formação destes docentes na própria universidade, o que pode ser objeto para investigações futuras. Dos vinte e sete professores que responderam o questionário, apenas dez fazem a leitura sintópica, porém aparentemente sem uma intencionalidade objetiva.

Percebe-se que há muito para se entender e trabalhar a prática da leitura sintópica no meio docente, firmando-a como meio efetivo de apropriação do conhecimento cultural ou científico, para que seja possível trabalhar com os alunos o conhecimento de forma mais ampla e profunda. Há ainda uma necessidade de se



investir na formação dos professores, incentivando e promovendo cada vez mais a leitura dentro e fora das escolas, em especial a prática comparativa.

Este trabalho fornece informações sobre a prática de leitura de professores da rede pública de Paranavaí, não para rotulá-los, mas para analisar a profundidade da prática de estudo individual, mesmo que seja de literatura infantil. No entanto, para que seja mais criterioso, podemos ainda desenvolver métodos de levantamento de informações ainda mais eficazes, inclusive analisando a grade curricular do curso de formação.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer. **Como ler livros**. Trad. Eduward Horst Wolff e Pedro Sete-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. **A arte de ler**. Trad. Inês Fortes de Oliveira. Editora Agir, 1954.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Martin, 1999.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Cotia: Ciranda Cultural, 2007.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. **Grupo de trabalho alfabetização infantil: os novos caminhos**: relatório final. -- 2. ed. -- Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

CAPOVILLA, Alessandra G. S. CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização: Método Fônico**. 4.ed.rev. ampl. São Paulo: Memnon, 2007.

DERMEVAL, Saviani. **Escola e Democracia**. 32. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

DUPRÉ, Maria José. **Éramos seis**. São Paulo: Clube do Livro, 1984.

Expedições Pelo Mundo da Cultura <http://astravessias.org/expedicoes-pelo-mundo-da-cultura-obras-indicadas-pelo-prof-jose-monir-nasser/>. Acesso em 16/06/2016.

FRYE, Northrop. **O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Biotempo, 2004.

IBSEN, Henrik, **Um Inimigo do Povo**. L&PM, Porto Alegre, 2003.

HIGHET, Gilbert. **A Arte De Ensinar** – Tradução. FILHO, Lourenço. 8ª Edição. Editora Melhoramentos, 1973. 275 p.

LESSA, Orígenes. **O Feijão e o Sonho**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

MANZONI, Alessandro. **Os Noivos**. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971.

NATIONAL INSTITUTE OF CHILD HEALTH AND DEVELOPEMENT (2000). The Nacional Reading Panel: Teaching children to read: An evidence based assemssment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction. Washington, D.C.: National Insititute of Child Health and Developement.

NASSER, José Monir. Lançamento do Livro: **Como Ler Livros**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=SR9IIKLIJTA>. Acesso: 16/06/2016.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Técnica do Discurso Moderno**. São Paulo: Logos, 1953

VITOR, Hugo de São. Trad. Antônio Marchionni. **Didascalicon: A Arte de Ler**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2001. Disponível: [http://pt.scribd.com/doc/235301161/Hugo-de-Sao-Vitor-Da-Arte-de-Ler-Didascalicon-completoniversidade\\_Bandeirantes\\_2011](http://pt.scribd.com/doc/235301161/Hugo-de-Sao-Vitor-Da-Arte-de-Ler-Didascalicon-completoniversidade_Bandeirantes_2011) Acesso em: 05/11/15.